

## Os Ferreira dos Santos: uma família negra na Curitiba pós-abolição

### The Ferreira dos Santos: An Afro-Brazilian family in the post-abolition Curitiba

Celso Fernando Claro de Oliveira<sup>1</sup>

Ana Crhistina Vanali<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar a trajetória da família Ferreira dos Santos, em Curitiba, na primeira metade do século XX. Trata-se de uma família negra que viveu e conquistou significativa projeção em uma cidade caracterizada por um discurso oficial de enaltecimento de supostas raízes e tradições europeias que, comumente, marginalizou as contribuições da população afro-brasileira. Partindo-se da proposta de realizar um resgate da história dessa família, o texto volta-se para a trajetória de duas gerações — a dos progenitores Claro e Lucília e a de seus nove filhos — que encontraram maneiras diversas de ocupar espaços na capital do Paraná, os quais, muitas vezes, estiveram restritos aos negros devido ao racismo estrutural. Para a realização dessa tarefa foram realizadas pesquisas em periódicos da época, documentos pessoais e também uma entrevista com Jacy Augusta Travasso de Moraes, neta de Claro e Lucília.

**Palavras-chave:** Família Ferreira dos Santos, Curitiba (Paraná), família afro-brasileira.

**Abstract:** This paper aims to analyze the trajectory of the Ferreira dos Santos family, in Curitiba, in the first half of the 20th century. They were an Afro-Brazilian family who lived and gained significant prominence in a city marked by an official speech that praised supposed European roots and traditions, commonly marginalizing the contributions of the Afro-Brazilian population. Starting from the proposal of rescuing the family's history, this article explores the trajectory of two generations — the parents Claro and Lucília, and their nine children — who found different ways to fill in spaces in the capital of Paraná, which were often restricted to Afro-Brazilians due to structural racism. To carry out this task, research was made in contemporary periodicals, personal documents and also an interview with Jacy Augusta Travasso de Moraes, granddaughter of Claro and Lucília.

**Keywords:** Ferreira dos Santos family, Curitiba (Paraná), Afro-Brazilian family.

**Resumen:** El objetivo de este artículo es analizar la trayectoria de la familia Ferreira dos Santos en la ciudad de Curitiba en la primera mitad del siglo XIX. Se trata de una familia negra que vivió y conquistó proyección significativa en una ciudad caracterizada por un discurso oficial de enaltecimiento de presuntas raíces y tradiciones europeas cuyo sentido común ha marginado las contribuciones de la población afrobrasileña. A partir de la propuesta de realización de un rescate de la historia de dicha familia, el texto comprende la trayectoria de dos generaciones — la de los progenitores Claro y Lucília y la de sus nueve hijos — que encontraron diversas maneras de ocupar los espacios en la capital del estado de Paraná, en los cuales estuvieron restringidos muchas veces a los negros debido al racismo estructural. Los métodos y técnicas que han compuesto el proceso de investigación del artículo fueron búsquedas en periódicos de aquella época, verificación de documentos de identificación personal y una entrevista con Jacy Augusta Travasso de Moraes, nieta de Claro y Lucília.

**Palabras clave:** Familia Ferreira dos Santos, Curitiba, familia afrobrasileña.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo – pelo Centro Universitário de Maringá. Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá. Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná. Especialista em Sociologia Política pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná. Doutora em Sociologia Universidade Federal do Paraná.

Traçar a história de qualquer família brasileira é um desafio. Trata-se de uma empreitada que exige um meticuloso levantamento documental, cujos objetivos podem incluir desde o rastreamento dos laços de parentesco existentes entre diferentes pessoas ao desvelamento de, pelo menos, um conjunto de informações básicas sobre os membros que constituem uma família — datas e locais de nascimento e morte, número de filhos, etc. Durante o processo, o pesquisador irá se deparar com alguns obstáculos. Quanto mais se afasta dos dias atuais, por exemplo, a compilação de dados se torna mais difícil, dadas as condições de registros existentes e à própria materialidade das fontes<sup>3</sup>.

Ao nos voltarmos para a situação das famílias negras, os desafios são ainda maiores. Tal afirmação ganha forças, em especial, quando um pesquisador se volta tanto para o período em que a escravidão imperou como para os anos pós-abolição. Os registros referentes aos africanos escravizados e seus descendentes, bem como aqueles sobre negros alforriados e livres, revelam apenas uma parte das histórias dessas pessoas. Há décadas, pesquisadores de diferentes áreas apontam e debatem as omissões que marcam os documentos oficiais, bem como os silenciamentos que recaem sobre a história dos negros no Brasil, notadamente marcada pela violência da escravidão<sup>4</sup>.

Ainda que ações de resistência tenham permitido a preservação da história e de costumes africanos no Brasil, muitas vezes por meio de adaptações, é inegável que uma parcela desses costumes se perdeu, assim como a possibilidade de rastrear as ligações familiares da maioria dessas pessoas. Esses mesmos desafios se fazem presentes na reconstituição da trajetória da família Ferreira dos Santos, que se estabeleceu em Curitiba no início do século XIX. O casal Claro e Lucilia participou de agremiações para a população negra, fundou conhecidos estabelecimentos comerciais na região central da cidade e conquistou estabilidade econômica. Seus filhos tiveram acesso a instituições educacionais de renome e participaram da vida social da capital paranaense.

O presente artigo visa reconstituir parte dessas trajetórias, buscando compreender a inserção da família em uma cidade notadamente marcada pelo preconceito racial e pelo apagamento da presença negra.

### **Uma “cidade sem negros”? A presença negra em Curitiba na virada dos séculos XIX-XX.**

A historiografia paranaense clássica é marcada pela invisibilização das populações negras. Ao traçar um panorama dessas obras, Miriam Hartung destacou que os trabalhos de Altiva Pillati Balhana, Brasil

---

<sup>3</sup> Para um breve histórico do campo de estudos conhecido como História das Famílias, consultar: FARIA, Sheila de Castro. História da família e demografia histórica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; AINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus Editora, 1997. p. 241–258.

<sup>4</sup> Sobre o tema, consultar: ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000; MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Ed. USP, 2004.

Revista Vernáculo n.º 51 – primeiro semestre/2023

Pinheiro Machado, Ruy Christovam Wachowicz e Wilson Martins não se voltavam de maneira mais aprofundada para a presença negra no Paraná, o que em muito contribuiu para reforçar a imagem de que o atual estado tem origem unicamente branca e europeia. Em grande medida, os trabalhos supracitados tratavam o Paraná como um estado em que a presença negra, livre ou escravizada, tivera pouca relevância<sup>5</sup>. Tal visão acabou por perpetuar a discriminação e o preconceito que perpassam a sociedade brasileira<sup>6</sup>.

Valendo-se do diálogo com diferentes autores, Hartung nos auxilia a desconstruir essa visão. A autora menciona que nomes como Octavio Ianni, Sebastião Ferrarini e Terezinha Busetti Pardo destacaram, por meio de fontes primárias, a marcante presença da população negra no Litoral, no Primeiro Planalto e nos Campos Gerais. Além de constituírem um significativo contingente populacional, os escravos representavam a maior parte da força produtiva dessas regiões, atuando em atividades como a agricultura e a pecuária<sup>7</sup>.

Indo ao encontro de Hartung, Horácio Gutiérrez resalta que a ausência de documentos impossibilita uma melhor compreensão desse cenário, embora alguns registros estatísticos nos permitam acompanhar a evolução demográfica dessa população. Segundo o autor, a presença de escravos na constituição do Paraná é reduzida se comparada à de outras regiões da colônia. Isso se deveu à restrita ocupação do território pelos colonos até o início do século XIX, o que implicava em baixos índices populacionais e de densidade demográfica. O desenvolvimento das atividades econômicas da região é o fator que acaba por alavancar o crescimento populacional, de modo que os escravos se tornaram a principal força de trabalho local<sup>8</sup>.

Gutiérrez afirma que a presença da população escrava nas diferentes vilas foi desigual e atravessou oscilações, mas apresentou uma taxa geométrica de crescimento anual constante entre 1789 e 1830. Entre as localidades que apresentaram maior aumento, destacam-se Guaratuba (4,17) e Castro (2,26), enquanto a área correspondente à Curitiba e Palmeira registrou um índice de 0,63. Em relação às faixas etárias, os maiores crescimentos ocorreram nas faixas de idade entre 20 e 30 anos e 30 e 40 anos. Quanto à etnia, Gutiérrez indica que os registros não são plenamente confiáveis, pois o critério cor era subjetivo. Os documentos contêm as classificações “negro”, “pardo” (ou, por vezes, “mulato”) e “branco”, sendo que esta última poderia incluir indígenas escravizados<sup>9</sup>.

Em sua dissertação de mestrado, Eduardo Spiller Pena compilou dados que corroboram uma tendência dominante com relação à presença de escravos no Paraná ao longo da primeira metade do século

---

<sup>5</sup> Cf. HARTUNG, Miriam. Muito além do céu: Escravidão e estratégias de liberdade no Paraná do século XIX. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, p. 143–191, jun. 2005.

<sup>6</sup> Consultar VANALI, Ana C.; KOMINEK, Andrea M. V.; OLIVEIRA, Celso F. C. de. Sobre a relação entre indivíduos e coletivo na construção do patrimônio histórico: o caso do monumento à Colônia Afro-brasileira de Curitiba. **Revista Temporalis[ação]**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 1-20, jan./jul. 2021.

<sup>7</sup> HARTUNG, 2005, p. 148-150.

<sup>8</sup> GUTIÉRREZ, Horacio. Crioulos e africanos no Paraná, 1798–1830. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 161–188, mar/ago. 1988.

<sup>9</sup> GUTIÉRREZ, 1998, p. 163-165.

XIX: os números absolutos e relativos desse contingente tenderam a acompanhar as oscilações da população total<sup>10</sup>. Assim, em momentos de aumento populacional, cresceu também a quantidade de escravos, enquanto em períodos de decréscimo, o total de escravos diminuiu. A partir de 1854, contudo, os números absolutos se estabilizaram — mantendo-se entre 8.439 (1858) e 11.596 (1866 – o ano em que se registrou o pico deste indicador) — enquanto os números relativos diminuíram, passando de 16,4 para 8,8 em duas décadas. As últimas informações demonstram que o total da população escrava deixara de acompanhar o constante incremento no número de habitantes que viviam na então província.

Pena afirma que, ao levarmos em consideração apenas os números absolutos, o contingente de escravos do Paraná é bastante reduzido. Em 1872, por exemplo, a Comarca de Curitiba possuía 2.597 cativos, enquanto a cidade de Campinas (SP) contava com aproximadamente 16 mil. O autor salienta, porém, que essa comparação pode nos iludir quanto ao peso dos escravos na economia e nas questões de *status* existentes na província do Paraná<sup>11</sup>. Márcia Elisa de Campos Graf, em outro trabalho de mestrado, também defendeu a necessidade de uma problematização desse total: ao voltar-se para a imprensa da época, a pesquisadora identificou uma série de anúncios e artigos jornalísticos que atestam a forte presença do escravismo no cotidiano da província<sup>12</sup>.

Um segundo erro ao qual podemos incorrer quando nos voltamos unicamente aos números absolutos é o endosso da concepção do Paraná como um “estado sem negros”. Tal visão racista foi reforçada por décadas, a partir de ideais de branqueamento racial e de discursos propagados pelas elites político-econômicas, acabando por se enraizar no senso comum. Foi essa interpretação que contribuiu para solidificar a ideia de que o Paraná é um “estado desenvolvido” devido à imigração europeia, ou a de que Curitiba é uma “cidade-modelo” por representar um pedaço da Europa no Brasil.

Pena afirma que a população de escravos na região de Curitiba diminuiu devido a dois elementos: “a migração dos escravos para fora da Comarca, sobretudo, pelo tráfico interprovincial, e a concessão de alforrias a título oneroso, gratuito ou arrancadas à força pela lei”<sup>13</sup>. O primeiro argumento está associado ao êxodo forçado dessa população, uma vez que o tráfico interprovincial diz respeito ao deslocamento de escravizados dentro do território brasileiro — no caso curitibano, muitos foram direcionados às áreas de produção cafeeira de São Paulo. O segundo ponto levantado pelo autor assinala a possibilidade de que

---

<sup>10</sup> PENA, Eduardo Spiller. **O jogo da face**: A astúcia escrava frente aos senhores e à lei na Curitiba provincial, V.1. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná.

<sup>11</sup> PENA, 1990, p. 33.

<sup>12</sup> GRAF, Márcia Elisa de Campos. **População escrava da Província do Paraná, a partir das listas de classificação para emancipação (1873–1886)**. 1974. 198 f. Dissertação (Mestrado em História) — Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1974.

<sup>13</sup> PENA, 1990, p. 11

muitos negros forros continuaram a viver na Comarca, gozando do *status* de homens livres<sup>14</sup>. A ausência da população negra no Paraná, portanto, não se corrobora.

Trabalhos acadêmicos mais recentes voltaram-se para a questão dos negros livres no Paraná e na região de Curitiba ao final do século XIX, elucidando os perigos do apagamento da presença afro-brasileira. Noemi Santos Silva, por exemplo, debateu como projetos educacionais foram pensados para esse contingente populacional, visando sua inserção no mercado de trabalho, bem como refletiu sobre as práticas educacionais e o ambiente escolar como experiências de liberdade<sup>15</sup>. Já Maria Rosangela dos Santos analisou processos criminais relacionados a famílias mistas — que contavam com ao menos um membro livre, ingênuo ou liberto em sua composição —, salientando a presença de diferentes arranjos de parentesco da população negra no Paraná<sup>16</sup>.

A abolição da escravidão, conforme destacam Rogério de Palma e Oswaldo Truzzi, trouxe perspectivas heterogêneas aos libertos no que dizia respeito à constituição familiar. Entre estas, se destacou a necessidade de novas formas de identificação a fim de romper com o antigo binômio de relações “senhores-escravos”. Ao analisar a situação dos libertos na região de São Carlos, estado de São Paulo, os autores identificaram dois posicionamentos dominantes no que diz respeito à atribuição de nomes completos.

O primeiro — e mais proeminente — foi a apropriação de nomes e sobrenomes de seus antigos senhores. Há diferentes explicações para o emprego de tal estratégia, entre as quais podem-se destacar a tentativa de demarcar uma relação de intimidade com alguma família abastada e dotada de força política; assinalar de quais fazendas os libertos provinham como forma de reforçar seus laços com outros ex-escravos que trabalharam no mesmo local; ou, atendendo ao interesse das elites locais, servia para perpetuar o patriarcalismo existente, preservando uma posição de subalternidade por parte dos negros. Convém destacar que a utilização do sobrenome do antigo senhor nem sempre era definitiva, estando sujeita a constantes renegociações de acordo com o cenário político e social existente. Já o segundo posicionamento, por sua vez, refere-se ao emprego dos nomes dos pais como sobrenomes. Tal escolha indica a condição de marginalização dessas famílias, uma vez que ressaltava a ausência de um sobrenome<sup>17</sup>.

As situações verificadas em São Carlos não estão restritas àquela região. Palma e Truzzi identificaram que tais estratégias de atribuição de sobrenomes foram marcantes em diferentes regiões do

---

<sup>14</sup> PENA, 1990, p. 11-12.

<sup>15</sup> SILVA, Noemi Santos. Aprender a Liberdade: reflexões sobre projetos e práticas de escolarização de escravos, libertos e ingênuos no Paraná (1871–1888). **Revista Vernáculo**, Curitiba, n. 28, p. 149–185, dez. 2011.

<sup>16</sup> SANTOS, Maria Rosangela. Entre a escravidão e a liberdade: famílias mistas no Paraná na segunda metade do século XIX. **ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL**, 4., 2009, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009.

<sup>17</sup> PALMA, TRUZZI, p. 318-320 e 330-331.

Brasil e também de antigas colônias da América Espanhola, como Cuba<sup>18</sup>. Ana Lugão Rios e Hebe Matos, por meio de algumas das entrevistas que compõem o projeto *Memórias do Cativo*, já haviam assinalado certa recorrência da apropriação dos sobrenomes de antigos senhores por parte dos libertos. Também foi a partir de alguns dos depoimentos coletados que as autoras identificaram que um bom relacionamento entre as partes poderia ser determinante nessa escolha<sup>19</sup>.

Lúcia Helena Oliveira Silva observou que tais estratégias também foram marcantes no Paraná, embora não fossem as únicas. Ao analisar uma ação registrada no Juizado de Curitiba, ao final de 1889, a respeito de libertos beneficiados com parte da herança de um antigo senhor, a pesquisadora destacou que parte dos ex-escravizados envolvidos no processo ainda não haviam adotado um sobrenome passado pouco mais de um ano da Abolição. Concomitantemente, os dois únicos libertos que apresentavam nomes completos nos autos — José Pinheiro e Luzia de Oliveira — haviam optado por sobrenomes diferentes daqueles portados por seu benfeitor<sup>20</sup>. O que poderia explicar tal caso? A autora nos oferece a seguinte reflexão:

A regra da adoção do nome do pai e da mãe poderia ter sido utilizada, mas também seria possível que eles houvessem simplesmente escolhido os sobrenomes. O sobrenome dava um sentido de igualdade, de equiparação aos demais cidadãos. Talvez, adotar um sobrenome fosse uma das estratégias para ressignificar a liberdade. Qual sobrenome e por quê adotá-lo eram questões que obedeciam a razões pessoais de cada ex-escravo e afro-descendente [sic]. Assim como alguns emprestaram os sobrenomes de ex-senhores, outros adotaram as identidades de seus grupos, como Congo, Benguela, entre outros<sup>21</sup>.

Os debates apresentados até aqui têm por objetivo elucidar que traçar a história de uma família negra no Paraná vai além do resgate de um conjunto de trajetórias pessoais inscritas num determinado contexto. Realizar esse exercício é também questionar e enfrentar o racismo arraigado na sociedade paranaense, que corrobora a invisibilização desse contingente populacional. Mais do que isso, por meio da história de uma família negra, nos deparamos com uma série de embates que foram vivenciados por outras tantas famílias negras, evidenciando que suas lutas e resistências encontram ecos na coletividade desse grupo étnico.

---

<sup>18</sup> PALMA, TRUZZI, p. 316.

<sup>19</sup> RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. **Memórias do cativo**: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

<sup>20</sup> SILVA, Lúcia Helena Oliveira. Escravos e libertos no Paraná. In: ALEGRO, Regina Célia *et al.* (Org.). **Temas e questões para o ensino de História do Paraná**. Londrina: Eduel, p. 127–142, 2008.

<sup>21</sup> SILVA, 2008, p. 138–139.

## Em busca de espaço: as trajetórias de Claro e Lucilia em Curitiba

O principal desafio na reconstituição da trajetória da família Ferreira dos Santos é, justamente, desvelar suas origens. Sobre os primeiros anos de vida dos progenitores, Claro Lourenço dos Santos e Lucilia Souza, temos poucas informações. Claro era natural de Morretes, onde nasceu a 10 de dezembro de 1864. Sua mãe se chamava Rosária dos Santos. Ao final do século XIX, ele já residia em Curitiba, onde participava da Sociedade Treze de Maio, importante agremiação negra fundada por membros do movimento abolicionista paranaense. Ele tornou-se membro do conselho fiscal em 1894 e chegou à vice-presidência em 1905, ano em que também colaborou com a comissão da festa da Sociedade Beneficente 28 de Setembro, outra relevante organização negra de Curitiba<sup>22</sup>.

Ambas as sociedades faziam parte das redes de sociabilidades negras em Curitiba, que contavam também com o Clube 15 de Novembro, Grêmio das Camélias, Grêmio Princesa Isabel e Grêmio Flor de Maio<sup>23</sup>. De modo geral, os clubes negros foram fundados com o objetivo de auxílio mútuo e propunham atividades recreativas, educativas e de beneficência. Oliveira destaca que “embora invisíveis para a sociedade abrangente, os clubes promoviam atividades lúdicas e construíam parâmetros de conduta social valorizados por seus fundadores e frequentadores, sendo um deles a integração e o fortalecimento das famílias negras”<sup>24</sup>. Os clubes em que Claro participou faziam referência ao dia da Abolição (13 de maio) e a Lei do Ventre Livre (28 de setembro).

De acordo com um registro de batismo realizado em 1901 na Catedral de Curitiba, Claro foi casado em primeiras núpcias com Maria Nunes Domiciana, com quem teve uma filha, que recebeu o nome Rosária — provavelmente em homenagem à avó paterna. Na ocasião do batismo, a criança já contava com quatro anos de idade. O documento, contudo, não oferece informações sobre a data do matrimônio<sup>25</sup>. Também não encontramos informações sobre o fim da união ou o que teria acontecido a Rosária. Possivelmente, Maria e Rosária faleceram ainda no início dos anos 1900.

---

<sup>22</sup> Informação fornecida por Jacy Augusta Moraes Travasso, filha de Jacyra Ferreira dos Santos, por meio de entrevista concedida a Ana Crhistina Vanali no dia 9 de janeiro de 2021, em Curitiba.

<sup>23</sup> CARVALHO, Deborah Agulham “Cozinha especial e comida a qualquer hora”: dos serviços de proprietários e cozinheiros nas casas de pasto, e restaurantes e afins, em (Curitiba, 1890-1940). *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia-MG, v. 19, n. 1, p. 313-332, jan./jul. 2008.

<sup>24</sup> OLIVEIRA, Luis Claudio. **Famílias negras centenárias: memórias e narrativas**. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2016. p. 234.

<sup>25</sup> CURITIBA (PR). Catedral de Curitiba. **Registro de batismo de Rosária**. Registro em: 26 set. 1901. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939J-DN93-JM?i=159&personUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A66K7-B1QG>. Acesso em: 20 abr. 2021.

De Lucilia Souza, desconhecemos o local de nascimento. O registro de óbito de seu esposo menciona apenas que ela nasceu no Paraná<sup>26</sup>. Também há uma divergência quanto à data de seu nascimento. De acordo com sua neta, Jacy Augusta Moraes Travasso, Lucilia nasceu em 8 de outubro de 1875, data que também consta no mausoléu da família, localizado no Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Jacy complementa que o ano de 1875 se repete nos documentos pessoais da avó<sup>27</sup>. Entretanto, o registro de óbito de Lucilia afirma que ela faleceu com 54 anos de idade – ou seja, teria nascido em 1889<sup>28</sup>. Nesse sentido, é possível que a data presente no registro de óbito esteja incorreta, motivada por algum erro do escrivão ou do filho Oswaldo, provavelmente abatido pelo luto quando da realização do registro. O documento assinala ainda que Lucilia era filha de João Magalhães e Flávia de Souza Magalhães<sup>29</sup>.

Após o casamento com Claro, em dezembro de 1905<sup>30</sup>, Lucilia adotou o nome Lucilia Ferreira dos Santos. O casal teve nove filhos: Juracy (1906-1925), Jandyra (1908-1984), Jacyra (1909-1934), Iracy (1910 - 1933), Haroldo (1912-1967), José (1915-1974), Oswaldo (1916-1990), João (1917-1996) e Claro (1919-1986)<sup>31</sup>.

De acordo com a imprensa da época, Claro Lourenço era um cozinheiro conhecido da capital paranaense. Em 9 de dezembro de 1906, abriu o Restaurante União, situado na rua XV de Novembro, em sociedade com Joaquim Gonçalves da Motta. O jornal “A República” assim registrou a inauguração do estabelecimento:

#### **Restaurante União**

Gentilmente convidados pelo Sr. Joaquim Gonçalves da Motta, proprietário do bem montado Restaurante União, à rua 15 de Novembro n. 94, fomos assistir ante-hontem a inauguração desse estabelecimento.

A’ hora aparazada para o acto fomos introduzidos, juntamente com os demais representantes da imprensa e convidados no vasto salão de jantar, onde se achava preparada a meza para um jantar de 50 talheres. Antes do repasto visitamos ligeiramente todas as dependências da casa, cujo interior foi pelo Sr. Motta, com grande dispêndio, adaptado ao serviço, estando hoje dividido em amplos e asseados gabinetes pintados a capricho, fartamente iluminados e, apresentando as mezas primorosamente preparadas e enfeitadas.

---

<sup>26</sup> CURITIBA (PR). Registro Civil. **Registro de óbito de Claro Lourenço dos Santos**. Registro em: 2 fev. 1955, p. 68. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-WM9F-5K?i=70&cc=2016194&personUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A685M-S8GC>. Acesso em: 20 abr. 2021.

<sup>27</sup> TRAVASSO, 2021.

<sup>28</sup> CURITIBA (PR). Registro Civil. **Registro de óbito de Lucilia Ferreira dos Santos**. Registro em: 9 ago. 1943, p. 291-292. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-7B3F-JD?i=298&cc=2016194&personUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A68H1-X12P>. Acesso em: 20 abr. 2021.

<sup>29</sup> CURITIBA (PR). Registro Civil. **Registro de óbito de Lucilia Ferreira dos Santos**. Registro em: 9 ago. 1943, p. 291-292. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-7B3F-JD?i=298&cc=2016194&personUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A68H1-X12P>. Acesso em: 20 abr. 2021.

<sup>30</sup> CASAMENTO Civil. **A República**, Curitiba, 8 dez. 1905, p. 2.

<sup>31</sup> Os jornais indicam o nascimento de mais uma filha – Maria de Lourdes, que teria nascido entre Jandyra e Jacyra, mas não foram localizados mais dados sobre essa filha de Claro e Lucilia, que deve ter falecido bebê. Fonte: REGISTRO CIVIL: nascimentos. **Diário da Tarde**, Curitiba, 6 fev. 1909, p. 1.



A todo esse apuro de quem está disposto a bem servir o público, se alliam a variedade e excellencia das iguarias servidas por pessoal apto e finamente educado, em que se destava o *maitre de coupe* o Sr. Donato Sartorri que, em 8 mezes de estada n'esta capital tem dado provas da sua habilidade profissional em hotéis, restaurants e festins familiares.

O serviço da cozinha estpa a cargo do Sr. Claro dos Santos, hábil mestre culinário e mui conhecido aqui, onde sempre trabalhou

O jantar cingio-se ao seguinte *menu*:

Mayoneza – Vinho do Porto

Sopa – Creme d'Aspargo, Chianti branco

Peixe – Rubal, Molho Tartato

*Entrées* – Frictura mixta, leitão a jardineira, vinho Verde

Legumes – P. Pois á Parigina

Assado – Perú á brasileira

Bisquit a Confectura – Champagne

Café – Licores

Só às 11 horas da noite terminou a refeição, tendo tido ao dessert saudado o Sr. Motta pelo nosso representante em nome da imprensa, e pelo Sr. Duarte Velloso em nome dos demais circunstantes.

O Restaurant União é digno, pois, da frequencia publica [sic]<sup>32</sup>.

É interessante observar que a fonte citada estabeleceu uma evidente divisão entre os dois sócios: Motta era o responsável pelos recursos financeiros, enquanto Claro dominava os conhecimentos culinários. Tal segmentação reflete suas respectivas origens sociais. Claro era um homem de família humilde, possível descendente de escravizados. Por sua vez, Joaquim Gonçalves da Motta (1851-1920) era um fazendeiro e negociante proveniente de Guarapuava, onde participou da Loja Maçônica Philantropia Guarapuavana. Durante a Revolução Federalista (1893-1894), como membro do Partido Republicano, foi Juiz de Direito Federalista e fornecedor do Batalhão V de Guarapuava, tendo sido um dos presos políticos de tal conflito. Em 1906, estabeleceu-se em Curitiba após vender as propriedades na cidade natal. Era casado com Guilhermina Borges da Motta e pai de Omar Gonçalves da Motta, que foi professor da Faculdade de Direito de Curitiba e um dos fundadores da Academia de Letras do Paraná<sup>33</sup>.

É interessante observar que os primeiros anúncios publicitários do Restaurant União na imprensa da capital paranaense destacam Motta como o grande idealizador do projeto, como é o caso de uma peça veiculada pelo periódico Diário da Tarde ao final de 1906<sup>34</sup>. Embora isso possa ser interpretado como uma tentativa de apagamento da presença de Claro no projeto, é o cozinheiro que se consolida como a figura à frente de um estabelecimento “à brasileira”, de “primeira ordem” e a “preços módicos”, conforme atestam anúncios publicados na imprensa curitibana entre 1906 e 1908<sup>35</sup>. Aliás, a própria notícia da inauguração do local, supracitada, descreve Claro como “hábil mestre culinário e mui conhecido aqui, onde sempre

<sup>32</sup> RESTAURANT União. **A República**, Curitiba, 9 dez. 1906, p. 2.

<sup>33</sup> Cf. VANALI, Ana Crhistina. **Ferreira dos Santos**: Uma família de craques. Curitiba: SESC/Fecomércio PR, 2022.

<sup>34</sup> RESTAURANT “União”. **Diário da Tarde**, Curitiba, 8 dez. 1906, p. 4.

<sup>35</sup> RESTAURANT União. **Diário da Tarde**, Curitiba, 10 dez. 1906, p. 2; RESTAURANT União. **Almanach do Paraná**, Curitiba, 1908, p. 323.

trabalhou”. Esse trecho indica possíveis passagens bem-sucedidas por outros restaurantes da capital, às quais podem ter contribuído para consolidá-lo como um cozinheiro renomado e favorecer contatos com pessoas de uma classe social mais elevada, como Motta.

Em sua dissertação sobre restaurantes em Curitiba na primeira metade do século XX, Deborah Agulham Carvalho assinalou que o Restaurant União aceitava pensionistas e era conhecido por seu requinte. De acordo com a autora, tratava-se de um: “restaurante decorado luxuosamente [onde] era possível apreciar até às 23 horas um tipo de comida de alto paladar, boas bebidas que compunham a ampla adega do estabelecimento ou mesmo lançar mão do serviço enquanto pensionista, pelo qual pagava-se 40\$000 mensais”<sup>36</sup>.

Não se sabe até quando o Restaurant União funcionou — as últimas menções ao estabelecimento nos jornais da capital paranaense datam de 1908. Dois anos mais tarde, Claro Lourenço dos Santos atuava no setor hoteleiro, sendo proprietário da Pensão Progresso, situada na Rua Ébano Pereira, região central da cidade<sup>37</sup>. A partir da análise de veiculações publicitárias da época, Carvalho elencou as características do local, que também oferecia um requintado serviço gastronômico:

Preocupado em diferenciar o cardápio de domingo dos demais dias da semana, foi que o proprietário Claro Lourenço dos Santos se organizou para preparar vatapá, dentre outras variedades nesse mesmo dia; também aceitava pensionistas para o salão de refeições de sua Pensão Progresso e as entregava a domicílio. Seu estabelecimento contava com quartos confortáveis, luz elétrica, banhos quentes e frios a preços acessíveis para bem acomodar famílias e viajantes<sup>38</sup>.

Em 1913, Claro passou a administrar a Pensão Coritibana, também localizada no centro da capital paranaense. O estabelecimento funcionava no andar superior do nº 72 da Rua São Francisco, na Praça da Ordem, também oferecendo o serviço de refeições no local<sup>39</sup>. Em 1937, Claro e Lucília abriram seu negócio mais longo: a Pensão Ferreira, situada na Praça Tiradentes. O local marcou época na cidade, tornando-se um conhecido ponto de passagem para viajantes, além de também contar com o serviço de restaurante. A Pensão Ferreira manteve-se naquele endereço até 1943, quando um incêndio destruiu parcialmente o prédio. A família, então, transferiu o negócio para a Avenida Sete de Setembro e, por fim, para a Praça Santos Andrade, onde operou até 1960<sup>40</sup>.

---

<sup>36</sup> CARVALHO, 2008, p. 3

<sup>37</sup> PENSÃO Progresso. **Diário da Tarde**, Curitiba, 28 out. 1911, p. 2.

<sup>38</sup> CARVALHO, Deborah Agulham. **Das casas de pasto aos restaurantes: os sabores da velha Curitiba (1890–1940)**. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) — Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. p. 109.

<sup>39</sup> PENSÃO Coritibana. **Diário da Tarde**, Curitiba, 9 jan. 1913, p. 2.

<sup>40</sup> TRAVASSO, 2021.

De acordo com Jacy Augusta Moraes Travasso, a primeira neta do casal, os avós dividiam as obrigações quanto ao gerenciamento da Pensão Ferreira — Claro chefiava a cozinha, enquanto Lucilia era responsável pela administração. Pela fala da entrevistada, Lucilia buscava preservar a imagem de requinte do local, da mesma forma que se apresentava como uma senhora elegante e respeitável<sup>41</sup>. Tal postura pode ser interpretada como uma maneira de ocupar um espaço, de fazer-se notar em uma cidade que comumente apagava a presença dos negros. É possível que o preconceito, velado ou desvelado, tenha contribuído para essa postura, influenciando até mesmo a prática de contratação de empregados para a pensão. Nas palavras de Jacy:

Minha avó Lucilia era muito chique. Ela nunca me deixava entrar na cozinha e só tinha empregadas alemãs, italianas e polacas porque ela não queria que falassem que ela estava empregando a “família pobre”. Meu avô Claro era muito simples. Um excelente cozinheiro. Mas vovó não, ela era sofisticada. Nunca a vi usando chinelo, sempre estava de sapatinho e cabelo arrumado. Era ela quem administrava a pensão<sup>42</sup>.

[...]

Lembro dela ligando para a casa de carnes do Jorge Bohnn e fazendo suas encomendas, logo em seguida chegava a entrega. Não a deixavam esperando.

[...]

Para pegar e descer do bonde, tudo era em frente de casa, pois a linha passava na frente de onde morávamos, que era a rua Aquidaban [atual Emiliano Perneta] e como todos conheciam minha avó Lucilia, eles paravam fora dos pontos para me pegar e me deixar<sup>43</sup>.

Pelas falas da entrevistada, é interessante observar que, em uma Curitiba branca e patriarcal, era justamente uma mulher negra que buscava marcar os espaços ocupados por sua família. Nesse sentido, convém destacar, ainda, que todos os negócios dos Ferreira dos Santos foram instalados na região central da cidade, tradicionalmente elitizada, o que demonstra que Claro e Lucilia alcançaram uma condição social favorável. Todavia, eles constituem uma exceção em um cenário de grandes privações para a maioria das famílias negras da cidade. Embora possamos citar ainda o caso dos Pamphilo, que alcançaram projeção na cena política estadual, poucas eram as oportunidades de mobilidade social para esse setor da população ao início do século XX.

A presença nas colunas sociais da imprensa curitibana também nos oferece algumas pistas sobre a projeção social alcançada pelos Ferreira dos Santos. Jornais como “O Dia”, “Diário da Tarde” e “A República” fazem menções aos aniversários de Claro, Lucilia e seus filhos ao longo de pelo menos três décadas (1910-1930)<sup>44</sup>. Tais seções costumavam ser reservadas às famílias das elites, que dispunham de

---

<sup>41</sup> TRAVASSO, 2021.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> Como exemplos, podemos citar: FELICITAÇÕES. **A República**. Curitiba, 4 fev. 1910, p. 2; FAZEM annos hoje. **O Dia**. Curitiba, 26 jul. 1926, p. 6; ANIVERSÁRIOS. **Diário da Tarde**. Curitiba, 9 out. 1939, p. 10.

Revista Vernáculo n.º 51 – primeiro semestre/2023

contatos com os proprietários dos diários locais e poderiam pagar por tais anúncios. Logo, a presença de seus nomes assinala o reconhecimento local.

Lucilia administrou a pensão até sua morte, em 9 de agosto de 1943. Seu velório foi marcado por grande comoção, como relembra Jacy:

Eu era criança, então não conseguia entender direito, mas vovó era muito importante e reconhecida na cidade. No dia do seu enterro, a loja Frischmann's [especializada em roupas sociais] que ficava em frente à pensão não abriu em consideração a ela. E na hora da saída para o cemitério — naquele tempo o caixão saía da casa e ia até o cemitério em uma carroça puxada por um cavalo — o comércio em torno da pensão fechou para acompanhar o cortejo<sup>45</sup>.

Com o falecimento da matriarca, os filhos passaram a auxiliar Claro na administração dos negócios da família até que eles assumissem definitivamente tais funções. Por ocasião de seu falecimento, em 1955, o jornal “O Dia” destacou a idade avançada do patriarca, bem como as contribuições de seus filhos para o futebol curitibano. Não há nenhuma menção às pensões ou ao restaurante, entretanto, a nota menciona que o cortejo fúnebre partiria da Rua Senador Alencar Guimarães em direção ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula<sup>46</sup>. Assim, embora Claro já não fosse mais associado aos seus antigos negócios, a projeção social conquistada por ele e sua falecida esposa garantira uma condição favorável aos filhos.

## **A segunda geração: os filhos de Claro e Lucilia na Curitiba da primeira metade do século XX**

Claro e Lucilia tiveram nove filhos — quatro mulheres, sucedidas por cinco homens. Infelizmente, três das filhas faleceram precocemente, o que dificultou o levantamento de informações a respeito de suas breves trajetórias de vida. Ainda que o depoimento de Jacy Augusta Moraes Travasso forneça algumas informações, ela foi uma criança que teve pouco ou nenhum contato com essas mulheres. Da tia mais velha, Juracy (1906-1925), lembra-se apenas de histórias contadas pelos demais membros da família: tratava-se de uma moça que se casou jovem, com um homem de nome Sebastião, e foi acometida por uma apendicite que ceifou tanto sua vida, quanto a do bebê<sup>47</sup>.

A mãe de Jacy, Jacyra (1908-1934), também faleceu precocemente, aos 25 anos de idade. Ela trabalhava como professora e foi casada com o Tenente Paulo Augusto de Moraes, médico veterinário do exército — com a união, passou a assinar Jacyra Ferreira de Moraes. Após sua morte, Jacy ficou aos

---

<sup>45</sup> TRAVASSO, 2021.

<sup>46</sup> FALECIMENTO. *O Dia*. Curitiba, 3 fev. 1955, p. 9.

<sup>47</sup> TRAVASSO, 2021.

cuidados da avó materna<sup>48</sup>. A respeito de Iracy (1910-1933), a quarta filha do casal Claro e Lucilia, Jacy diz apenas se lembrar que ela cursava a Escola Normal quando faleceu<sup>49</sup>.

A tia com quem Jacy mais teve contato foi Jandyra (1908-1984), a segunda filha de seus avós. Tal qual a mãe, Jandyra também se tornou uma mulher conhecida na capital paranaense, destacando-se por suas atividades de assistencialismo em filantropia ao longo de mais de três décadas. Por suas ações, foi homenageada com a denominação de uma rua no bairro Fazendinha. Ao apresentar o projeto de lei referente a tal ação, o vereador Zé Maria assim resumiu os trabalhos de Jandyra:

Em datas especiais para crianças, como Páscoa, Natal, Dia das Crianças, preparava pessoalmente lanches, coberto de gêneros de primeira necessidade, dirigindo-se a hospitais, asilos, creches, educandários e famílias carentes, onde além dos objetos que distribuía, doava amor, elevando a auto-estima dos desvalidos que se sentiam à margem da sociedade.

Jandyra casou-se com Aristides Conceição. O casal não teve filhos biológicos, mas adotou Marli Vosne, à época com três anos de idade. De acordo com Jacy, a criança vinha de uma família com dificuldades financeiras, que decidira “doar” as crianças — uma prática comum à época. Com a morte de Lucilia, coube a Jandyra assumir o papel de matriarca da família e a administração da pensão. “[Meus tios] eram todos muito unidos. Não faziam nada sem consultá-la. Foi ela que se ocupou da formatura do tio Oswaldo em Medicina, foi ela que cuidou do meu enxoval e vestido de noiva quando me casei”, recorda-se Jacy<sup>50</sup>.

É interessante observar que, entre as mulheres da família Ferreira dos Santos, houve grande apreço por atividades culturais e filantrópicas, além de valorizarem a educação como um meio de conquistar um emprego digno. Jandyra, por exemplo, preencheu a posição anteriormente ocupada por sua mãe tanto no ambiente privado, quanto no espaço público, destacando-se como mulher de negócios e filantropa. Por sua vez, as trajetórias de Jacyra e Iracy indicam as oportunidades profissionais que uma carreira no magistério poderia proporcionar às mulheres afro-brasileiras na Curitiba da primeira metade do século XX.

O mesmo cuidado com a criação feminina foi passado a Jacy. De acordo com ela, suas famílias paterna e materna apresentavam valores bastante diferentes a respeito da educação de uma menina. A primeira concedia maior liberdade e contato constante com outras crianças. A segunda, por outro lado, pregava uma educação mais rígida, que incluiu o estudo de piano, uma atividade comumente reservada às filhas de famílias abastadas:

---

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> TRAVASSO, 2021.

A avó Lucília e a tia Jandyrá se encarregaram da minha sua criação. Com a família Ferreira dos Santos eu levava uma vida de fausto, muito chique. Para se ter uma ideia, eu sou formada em piano. Durante muitos anos dei aula de piano. Eu tinha aula de piano em casa, na Pensão Ferreira, que ficava na Praça Tiradentes. Minha professora era a Rachelzinha, sobrinha dos professores Rachel e Raul Menssing, ela ia me dar aula na pensão. Como eu era a primeira neta da família materna, ficava muito sozinha, diferente de quando eu ia na casa da família do meu pai. Ele tinha seis irmãos, todos com filhos, então lá eu tinha muitos primos para brincar e corria, pulava, caía, ralava o joelho — todas situações não permitidas por minha avó Lucília. Lembro quando subia as escadarias da pensão correndo, e chegava lá no topo da escada e dava de frente com a minha avó fazendo aquele gesto com a cabeça de desaprovação<sup>51</sup>.

Os homens da família Ferreira dos Santos tiveram suas vidas ligadas ao futebol que, à época, despontava como uma carreira profissional segura para muitos jovens afro-brasileiros. À época da consolidação de suas carreiras, a modalidade já despontava com grande prestígio no país, contando com diversos campeonatos e até mesmo seleções estaduais, que reuniam os melhores jogadores de cada unidade federativa brasileira. Especializados em posições de defesa, parte dos irmãos Ferreira dos Santos chegou a atuar pelos mesmos times em alguns momentos de suas carreiras, de modo que ficaram conhecidos por apelidos como “trio de ferro”, “trio de aço” ou “cortina de aço”<sup>52</sup>.

Todavia, alguns desafios com relação à reconstituição de suas trajetórias persistem. É bastante difícil, por exemplo, realizar um quantitativo dos jogos disputados por cada irmão ou dos gols marcados pelos mesmos, uma vez que o futebol paranaense estava apenas começando a se profissionalizar. Além disso, muitas das agremiações pelas quais os Ferreira dos Santos passaram foram extintas, de modo que é difícil precisar os rumos da documentação produzida por tais clubes.

Haroldo (1912-1967) iniciou sua carreira aos quinze anos de idade, conquistando o campeonato da Liga Curitibana de Desportos pelo Operário do Ahú. Ele passou ainda pelo Guarany, Caxias, Ferroviário, Palestra Itália, Coritiba e E. C. Brasil. A imprensa da época destacou suas habilidades, chamando-o de “jogador sete instrumentos” — ou seja, poderia atuar em todas as posições, exceto como goleiro. Após se aposentar dos gramados, assumiu papéis como técnico e preparador físico de times paranaenses e de São Paulo<sup>53</sup>.

Outro irmão que se destacou por sua atuação dentro e fora dos campos foi José (1915-1974), conhecido no meio esportivo como Ferreira. Ele ingressou em times amadores de Curitiba, ainda na infância, e começou a jogar profissionalmente em Santa Catarina, onde prestou serviço militar. De volta à capital paranaense, atuou no Atlético e fez história no Ferroviário. Jogou ainda pelo Santos, de São Paulo.

---

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> Cf. VANALI, 2022.

<sup>53</sup> Idem.

Além de jogador, foi também técnico, auxiliar (bandeirinha) e árbitro. Posteriormente, mudou-se para o Rio Grande do Sul<sup>54</sup>.

A trajetória de Oswaldo (1916-1990) apresenta uma importante particularidade: ele se firmou como jogador profissional ao mesmo tempo em que ingressou na Faculdade de Medicina do Paraná, que atualmente integra a Universidade Federal do Paraná (UFPR). Como, à época, o curso era pago, ele se valeu do futebol para custear os estudos. Assim, ele se tornou o primeiro membro de sua família a ter formação superior. Dois anos após formado, Oswaldo abandonou o futebol e mudou-se para São Paulo, onde abriu um pequeno hospital pediátrico. Ele se casou com Felicia Agrasso, uma enfermeira espanhola. O casal não teve filhos<sup>55</sup>.

Uma fotografia preservada no acervo pessoal de Ozeil Moura dos Santos, sobrinho de Oswaldo, acentua a excepcionalidade de seu feito. Na imagem, datada de 1939, ele posa juntamente com o time da Seleção Paranaense de Acadêmicos de Medicina. Todos os jogadores, com exceção de Oswaldo, são brancos. Embora não possamos atestar as origens sociais dos demais integrantes do time, é possível que a maioria seja proveniente de famílias da elite curitibana. Assim, o registro assinala como a universidade ainda era um lugar distante para a maioria da população negra de Curitiba naquele período.

Conhecido nos gramados como Janguinho, João (1917-1996) iniciou sua carreira em times amadores de Curitiba. Alcançou projeção no futebol paranaense tornando-se o jogador que por mais vezes defendeu a seleção estadual — 12 ocasiões. Posteriormente, atuou pelo Santos, de São Paulo, e também foi técnico de futebol, a exemplo de seus dois irmãos mais velhos. Ao fim da carreira esportiva, abriu dois bares que se tornaram conhecidos na noite curitibana: o Tupiá e o Bar do Janguinho, ambos localizados na região central da cidade<sup>56</sup>.

O mais novo dos irmãos Ferreira dos Santos, Claro (1919-1986) também buscou enveredar-se profissionalmente pelo esporte, contudo, sua carreira não vingou. Optou pelo comércio, tornando-se um conhecido vendedor de frutas que atuou por mais de 40 anos na capital paranaense. Também foi responsável pelo Bar Guaíra, situado no centro da cidade. A irmã Jandyra passou a auxiliá-lo na administração dos negócios após o fechamento da pensão mantida pela família<sup>57</sup>.

Mesmo com a transferência do pai para o Mato Grosso, Jacy permaneceu em Curitiba para realizar seus estudos no internato do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Nos períodos de folga, ela frequentava a casa dos avós maternos, onde teve grande convívio com quatro de seus tios:

---

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Cf. VANALI, 2022.

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> TRAVASSO, 2021.

O tio Lê [Claro], o mais novo, era o mais alto e o mais debochado de todos. Ele vendia frutas com um caminhão e, toda vez que vinha chegando, tocava uma sineta e já sabíamos que era ele. Eu amava o caminhãozinho dele.

O tio Dico [Oswaldo] era quem me levava aos bailes e festas. Costumávamos frequentar a Sociedade 13 de Maio, a Sociedade 28 de Setembro, a Sociedade Operária. Era uma alegria preparar os vestidos para ir nesses bailes.

O tio Loto [Haroldo] era namorador e um ótimo dançarino. Também era o mais caladão da família.

O tio Jango [João] estava sempre envolvido com a formação de crianças no futebol, tanto que ele era padrinho de vários meninos que se tornaram importantes da família Lattes e também do Aramis Millarch. Foi ele quem fez a marcação do local da piscina do Iate Clube de Guaratuba.

Como o tio Jeca [José] foi morar no Rio Grande do Sul um tempo eu não tive muito contato com ele<sup>58</sup>.

Além de resgatar as memórias da vida em família, o relato de Jacy nos oferece alguns pontos interessantes para refletirmos sobre as trajetórias dos irmãos Ferreira dos Santos. Por meio do sucesso no futebol, a maioria dos homens da família preservou o prestígio alcançado por seus pais na cidade. Oswaldo, por exemplo, tornou-se médico e frequentou importantes espaços destinados a eventos sociais — alguns dos quais já haviam sido anteriormente frequentados por seus pais. No caso de João, é possível destacar que o esporte lhe permitiu estabelecer uma rede de sociabilidades com instituições educacionais de renome e famílias tradicionais na cidade.

O reconhecimento obtido pelos irmãos Ferreira dos Santos refletiu-se ainda em homenagens em vida e também póstumas, como a denominação de logradouros públicos na capital do Paraná. Por meio de iniciativas da Câmara Municipal de Curitiba, foram estabelecidas a Rua Haroldo Ferreira dos Santos, no bairro Tatuquara; a Rua Oswaldo Ferreira dos Santos, situada na Cidade Industrial; a Rua João Ferreira dos Santos, localizada no bairro São Miguel; e a Praça José Ferreira dos Santos, no Tarumã<sup>59</sup>.

## Conclusão

Conforme mencionamos no início deste artigo, traçar a trajetória de uma família negra em uma cidade marcada por um discurso de europeização pressupõe uma série de desafios. Ainda que não possamos desvelar em detalhes todos os aspectos dos Ferreira dos Santos na Curitiba da primeira metade do século XX, a análise de fontes da imprensa e o recurso da História Oral nos permitiram analisar como a família conseguiu transpor as barreiras impostas à população negra e alcançar projeção na cidade.

Também por meio da documentação levantada, foi possível observar como os Ferreira dos Santos buscaram preservar essa posição ao longo de décadas, valendo-se de sua atuação profissional e social para

---

<sup>58</sup> TRAVASSO, 2021.

<sup>59</sup> Sobre as homenagens, consultar: VANALI, 2022.



estabelecer redes de contatos. Convém ressaltar que, ao construir esse panorama de breves perfis biográficos, buscamos compreender como as condições materiais do referido contexto histórico influenciaram nesse processo, evitando a falácia da simples transposição das barreiras raciais existentes. As reflexões aqui apresentadas tiveram por objetivo resgatar a história dessa família que, em meio a um discurso favorável à branquitude, tende a se diluir na história de Curitiba.

## Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O Trato dos Viventes**: Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

ANIVERSÁRIOS. **Diário da Tarde**, Curitiba, 9 out. 1939, p. 10.

CARVALHO, Deborah Agulham. “Cozinha especial e comida a qualquer hora”: dos serviços de proprietários e cozinheiros nas casas de pasto, restaurantes e afins (Curitiba, 1890-1940). **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia-MG, v. 19, n. 1, p. 313-332, jan./jul. 2008.

CARVALHO, Deborah Agulham. **Das casas de pasto aos restaurantes**: os sabores da velha Curitiba (1890–1940). 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) — Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

CASAMENTO Civil. **A República**, Curitiba, 8 dez. 1905, p. 2.

CURITIBA (PR). Catedral de Curitiba. **Registro de batismo de Rosária**. Registro em: 26 set. 1901. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939J-DN93-JM?i=159&personUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A66K7-B1QG>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CURITIBA (PR). Registro Civil. **Registro de óbito de Claro Lourenço dos Santos**. Registro em: 2 de fevereiro de fev. 1955, p. 68. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-WM9F-5K?i=70&cc=2016194&personUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A685M-S8GC>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CURITIBA (PR). Registro Civil. **Registro de óbito de Lucilia Ferreira dos Santos**. Registro em: 9 ago. 1943, p. 291-292. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-7B3F-JD?i=298&cc=2016194&personUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3A68H1-X12P>. Acesso em: 20 abr. 2021.

FALECIMENTO. **O Dia**, Curitiba, 3 fev. 1955, p. 9.

FARIA, Sheila de Castro. “História da família e demografia histórica”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e AINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus Editora, 1997. p. 241–258.

FAZEM annos hoje. **O Dia**, Curitiba, 26 jul. 1926, p. 6.

FELICITAÇÕES. **A República**, Curitiba, 4 fev. 1910, p. 2.

GRAF, Márcia Elisa de Campos. **População escrava da Província do Paraná, a partir das listas de classificação para emancipação (1873–1886)**. 1974. Dissertação (Mestrado em História) — Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1974.

GUTIÉRREZ, Horacio. Crioulos e africanos no Paraná, 1798–1830. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 161–188, mar./ago. 1988.

HARTUNG, Miriam. Muito além do céu: Escravidão e estratégias de liberdade no Paraná do século XIX. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, p. 143–191, jun. 2005.

JACY (2021). Entrevista de Jacy Augusta Moraes Travasso, filha de Jacyra Ferreira dos Santos, concedida a Ana Crhistina Vanali no dia 09 de janeiro de 2021 em Curitiba.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Ed. USP, 2004.

OLIVEIRA, Luis Claudio. **Famílias negras centenárias: memórias e narrativas**. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2016.

PALMA, Rogerio da; TRUZZI, Oswaldo. Renomear para Recomeçar: Lógicas Onomásticas no Pós-abolição. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 311–340, abr. 2018.

PENA, Eduardo Spiller. **O jogo da face: A astúcia escrava frente aos senhores e à lei na Curitiba provincial**, v. 1. 1990. 229 f. Dissertação (Mestrado em História) — Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1990.

PENSÃO Coritibana. **Diário da Tarde**, Curitiba, 9 jan. 1913, p. 2.

PENSÃO Progresso. **Diário da Tarde**, Curitiba, 28 out. 1911, p. 2.

REGISTRO CIVIL: nascimentos. **Diário da Tarde**, Curitiba, 6 fev. 1909, p. 1.

RESTAURANT “União”. **Diário da Tarde**, Curitiba, 8 dez. 1906, p. 4.

RESTAURANT União. **A República**, Curitiba, 9 dez. 1906, p. 2.

RESTAURANT União. **Almanach do Paraná**, Curitiba, 1908, p. 323.

RESTAURANT União. **Diário da Tarde**, Curitiba, 10 dez. 1906, p. 2.

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, Maria Rosângela. Entre a escravidão e a liberdade: famílias mistas no Paraná na segunda metade do século XIX. **ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL**, 4., 2009, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009.

SILVA, Lúcia Helena Oliveira. Escravos e libertos no Paraná. *In*: ALEGRO, Regina Célia et al (Org.). **Temas e questões para o ensino de História do Paraná**. Londrina: Eduel, 2008. p. 127–142.

SILVA, Noemi Santos. Aprender a Liberdade: reflexões sobre projetos e práticas de escolarização de escravos, libertos e ingênuos no Paraná (1871–1888). **Revista Vernáculo**, Curitiba, n. 28, p. 149–185, dez. 2011.

TRAVASSO, Jacy Augusta M. Entrevista [9 jan. 2020]. Entrevistadora. Ana Christina Vanali. Curitiba: 2020. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a Ferreira dos Santos.

VANALI, Ana C.; KOMINEK, Andrea M. V.; OLIVEIRA, Celso F. C. de. Sobre a relação entre indivíduos e coletivo na construção do patrimônio histórico: o caso do monumento à Colônia Afro-brasileira de Curitiba. **Revista Temporalis[ação]**, Goiânia, v. 21, n. 01, p. 1-20, jul./dez. 2021.

VANALI, Ana Crhistina. **Ferreira dos Santos**: Uma família de craques. Curitiba: SESC/Fecomércio PR, 2022.

Recebido em 13/05/22 aceito para publicação em 26/08/22.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.

Revista Vernáculo n.º 51 – primeiro semestre/2023

ISSN 2317-4021